

## **Declinatio Natvralis et declinatio Volvntaria**

Amós Coêlho da Silva, da UERJ, UGF e ABF.  
Multa paucis. Preto a Olmar Guterres da Silveira.

O cunho enciclopédico da atividade intelectual de *Marcus Terentius Varro* (116-27 a.C.) não impediu a sua investigação sobre as questões da língua. Escreveu 620 livros, compendiados em 74 obras, das quais nos restam fragmentadas *De Re Rustica*, *Satirae Menippeae*, *Antiquitates Rerum Humanarum et Divinarum* e *De Lingua Latina*. Desta última, dos vinte e cinco livros, temos apenas os livros V a X, cujo tema Aulo Gélcio (séc. II d.C.) nos explica: *Duo autem Graeci grammatici illustres, Aristhachus et Crates, summa ope, ille 'analogían', hic 'anomalían' defensitavit – Assim, dois gregos, Aristarco e Crates (de Malos)<sup>1</sup>, com argumentação relevante, defendeu, o primeiro, a analogia, o segundo, anomalia.*

Jean Collart (1954 e 1978) dedicou um longo estudo à obra do gramático Varrão e, por extensão, aos analogistas (Zenódoto de Éfeso, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco de Samotrácia), que defendiam o princípio da convenção, ('nómos' / 'thésis'). Eles deram atenção *...aux déclinaisons et aux conjugaisons, rapprochent les paradigmes semblables des paradigmes semblables (Analogie); ils en dégagent des modèles – types et des principes généraux.* (COLLART, Jean, 1954: 135)...às declinações e às conjugações, cotejam os paradigmas semelhantes com os paradigmas semelhantes (Analogia); eles resgatam os modelos – tipos e os princípios gerais.

Os anomalistas sustentavam que por trás das formas numa frase havia uma significação ordenada com sabedoria. Essa ordenação não é convencional, ao contrário, é uma criação da natureza ('phýsis'). Estes estóicos defendiam, mais ou menos, que a arte do conhecimento da linguagem, de aquisição inteiramente natural, não só é nas abelhas, considerando a sua herança genética de linguagem na sua atividade de trabalho durante a fabricação do mel, como também é uma aquisição genética de linguagem a articulação vocal humana. É a linguagem um dom inalienável para o homem.

Varrão escreveu sobre morfologia nos livros VIII, IX e X do *De Lingua Latina*, e, embora delimitasse o seu *corpus* de pesquisa em torno da língua latina e grega, faz descrições e abordagens tão pertinentes ao estudo lingüístico, apesar de se preocupar com o debate entre anomalia, filósofos de Pérgamo, e analogia,

<sup>1</sup> Em 167 a.C., Crates de Malos, tendo vindo a Roma como embaixador do rei Átalo de Pérgamo, alongou sua permanência e fez várias conferências sobre gramática e literatura, daí em diante os romanos procuraram adaptar às obras literárias nacionais *os cânones daquela crítica...desse modo fizeram as primeiras edições filológicas, e così ebbero, dopo le 'recensione' critiche... e assim tiveram em seguida a 'recensão' crítica...*(DELLA CORTE, Francesco, 1981: 33-4)

filólogos de Alexandria, que despertou a atenção de estudiosos em geral e, entre nós, Mattoso Câmara Jr., como veremos adiante.

Segundo Varrão, a abordagem de uma língua como um sistema é uma vantagem, porque define o que dela se deve reter na memória. Desse modo, o gramático Varrão, no início do Livro VIII (II, 3), delineia porque existe nas línguas a declinação: termo empregado ao longo de sua abordagem, ora como categoria gramatical para os elementos mórficos do verbo e do nome, ora como elemento de formação ou ampliação lexical, ou seja, radical de uma palavra acrescido de sufixo ou prefixo. Nesta passagem, ele trata das categorias categorias, relacionadas indistintamente ao verbo e ao nome: *Declinatio inducta in sermones non solum Latinos, sed omnium hominum utili et necessaria de causa: nisi enim ita esset factum, neque discere tantum numerum verborum possemus (infinite enim sunt naturae in quas ea declinantur) neque quae didicissemus, ex his, quae inter se rerum cognatio esset, apparet. A declinação foi introduzida na linguagem, não só entre os latinos, mas entre todos os povos, por causa de sua utilidade e necessidade: não fosse assim, não poderíamos aprender um tamanho número de palavras (realmente, os nascimentos [=as modificações] nos quais elas são declinadas são infinitos). Seria evidente que destas não aprenderíamos aquela conexão natural que existiria entre si das coisas.*

Como se vê, Varrão levanta o tema dos universais lingüísticos: a questão do jogo do princípio da economia de que tratou André Martinet (1970). Também aqui estamos diante de termo consagrado e presente nas aulas universitárias e escolares em geral de hoje: *cognatio* – família cognata.

G. Mounin (1967: 95-6) interpreta a passagem acima desse modo: *Ces mêmes déclinaisons, il pose qu'elles sont nécessaires 'en toutes langues', car 'autrement le nombre des mots excéderait l'entendue de la mémoire' ce qui est bien apercevoir le jeu du principe d'économie.* (grifo nosso)

É importante ressaltarmos a concepção plástica que os gregos imaginaram para a compreensão de um idioma. Conceberam um paradigma de nome na figura de uma linha reta vertical. Nesta não haveria nenhuma queda ou afastamento por ser a forma primitiva do orthé ptôsis, e em latim: *casus rectus*, *caso reto* (ambos substantivos significam queda, nos dois idiomas) – os demais eram *casus obliqui*, *casos oblíquos*, eram apontados por linhas oblíquas ou inclinadas, por figurarem como desvios da forma original. A expressão *caso reto* está no prumo – o seu risco, como o ponteiro de um relógio em cima do doze, é em pé. Para R. G. Kent, é uma contradição: *The 'casus rectus' is therefore a contradiction in itself.* (1951: 370) Por isso, Varrão escreveu *unde rectus an sit casus sunt qui quaerant, por isso, há quem pergunte se o nominativo (rectus) é caso, ou seja, queda.* (VIII, 16)

No tempo de Varrão não havia a nomenclatura ablativo. É interessante se notar que ao estudo do grego e do latim era dispensado tratamento óbvio quanto ao fato da morfologia grega possuir cinco casos e a latina, seis. Não

escapou a Varrão o fato lingüístico de o ablativo ser um caso genuíno em latim, no sentido de ser princípio temático latino. Por isso, Varrão não parte do genitivo, que é princípio temático em grego: os gramáticos latinos, historicamente, terminaram por imitar os gregos, que não tinham sexto caso, e ordenaram seus verbetes inadequadamente em nominativo e genitivo.

Ele afirma que partir do nominativo seria não considerar os temas nominais em *a, e, i, o, u*, porque misturaria os grupos flexionais. Note que o comentário de Varrão insinua o termo ablativo nos pronomes demonstrativos em ablativo; dito de outro modo, o próprio pronome torna implícito o termo ablativo. ...*initium facere oportebit ab sexto casu, qui est proprius Latinus: nam eius casuis [no aparato crítico vem: A. Sp.; cassuis Meu.; for casus his] litterarum discriminibus facilius reliquorum varietatem discernere poterit, quod ei habent exitus aut in A, ut hac terra, aut in E, ut hac lance, aut in I, ut hac clavi, aut in O, ut hoc caelo, aut in V, ut hoc versu. Igitur ad demonstrandas declinationes biceps via haec. ...deverá iniciar do sexto caso, que é peculiar em Latim: porque pela diferença das letras (hoje diríamos vogais temáticas) deles, poderá discernir mais facilmente a variação entre os restantes, porque eles terminam ou em A, como o ablativo 'terra'(terra), ou em E, como o ablativo 'lance' (prato), ou em I, como o ablativo 'clavi'(chave), ou em O, como o ablativo 'caelo'(céu), ou em V, como o ablativo 'versu'(verso). Portanto, para demonstrar as declinações há este caminho, que provém deste duplo ponto de partida. (X, 62)*

Alguns dos seus exemplos são *surus (estaca) / lupus (lobo) / lepus (lebre) (VIII, 68); dolus (dolo, fraude) / malus (mau/ mal)(X,51)* – nos quais discute nestes diversos pontos a questão do flexionismo casual, ou seja, se se parte apenas do nominativo, há o engano de se abordar estes nomes acima como todos pertencentes a um só grupo em relação paradigmática, quer dizer, sem oposição sistemática, isto é, mais ou menos, agrupando todos os nomes em segunda declinação. Acontece que desta série apenas quatro formam ablativo em *-o*: *suro, lupo, dolo, malo*, o ablativo de uma delas destoa das demais: *lepus > lepore*. Numa outra passagem, Varrão ainda reconhece o tema consonantal implícito no nominativo e explícito em ablativo: *crux, -x: cs (cruz) / Phryx, x:gs (frígio) (livro IX, 44) – Quod item apparet, cum est demptum S: nam fit unum cruce, alterum Phryge. (Idem) Do mesmo modo isto acontece, quando se tira (demptum est)<sup>2</sup> o S: pois uma se torna ablativo 'cruce', a segunda, ablativo 'Phryge'.*

Há uma observação de Varrão que marca sua originalidade como estudioso gramatical. Nesta mesma passagem e livro VIII, 16, há uma análise dos casos gregos e latinos, cotejados criteriosamente por Varrão:

<sup>2</sup> O tema latino verbal ou nominal deve ser identificado por decréscimo – o que é diferente do português que é por acréscimo.

*Nos vero sex habemus, Graeci quinque: quis vocetur, ut Hercules; quemadmodum vocetur, ut Hercule; quo vocetur, ut ad Herculem; a quo vocetur, ut ab Hercule; cui vocetur, ut Herculi; cuius vocetur, ut Herculis. Nós temos, com toda certeza, seis, os gregos cinco: ele que é chamado, como (nominativo) 'Hercules'; como o chamado é feito, como (vocativo) 'Hercule'; para onde é chamado, como (acusativo) 'ad Herculem'; por quem é chamado, como (ablativo) 'ab Hercule'; para ou a que é chamado, como (dativo) 'Herculi'; de quem é chamado, como (genitivo) 'Herculis'.*

Tomemos aqui três passagens do livro VIII à guisa de ilustração da diferença (*discrimina*) entre derivação e flexão:

Propter ea verba quae erant proinde ac cognomina, ut prudens, candidus, strenuus, quod in his praeterea sunt discrimina propter incrementum, quod maius aut minus in his esse potest, accessit declinationum genus, ut a candido candidius candidissimum sic a longo, divite, id genus aliis ut fieret. (Livro VIII, VII 17) *Em relação às palavras que são as que denotam qualidade / apelido, como 'prudens' (prudente), 'candidus' (branco), 'strenuus' (diligente), por que nelas, além disso, são feitas distinções por aumento (incrementum), já que nelas pode existir significado para mais (maius) ou para menos (minus), forma-se uma classe de flexão, como do ablativo de 'candidum', vem o comparativo 'candidius', vem o superlativo 'candidissimum; assim do ablativo de 'longum' (longo), 'dives' (rico), como acontece com outras palavras desta classe.*

Quae in eas res quae extrisecus declinantur, sunt ab equo equile, ab ovibus ovile, sic alia: haec contraria illis quae supra dicta, ut a pecunia pecuniosus, ab urbe urbanus, ab atro atratus: ut nonnunquam ab homine locus, ab eo loco homo, ut Romulo Roma, ab Roma Romanus. (livro VIII, 18) *As que são derivadas por significado de coisas exteriores (quer dizer: as formações com caráter não-flexional), são do ablativo de 'equus' (cavalo) formando 'equile' (estrebária), do ablativo de 'ovis', formando 'ovile' (curral de ovelhas), (quer dizer, de seres vivos formando objetos) assim outras: estas são contrárias a aquelas que citei acima, como do ablativo de 'pecunia' (dinheiro) se forma 'pecuniosus' (rico), do ablativo de 'urbs' (cidade), se forma 'urbanus' (urbano), (de objetos formando seres vivos), do ablativo de 'ater' (preto), se forma 'atratus' (de luto): como às vezes o nome de um local vem do ablativo de um homem, por exemplo, do ablativo de 'Romulus', vem 'Roma', e em seguida de um lugar um homem, do ablativo de 'Roma' vem 'Romanus'. [Na verdade, Rômulo vem de Roma.]*

Indicou um quadro reduzido de sufixos flexionais, dentro de um quadro interno (seis casos) e um amplo quadro de sufixos derivacionais. A dimensão destes se relaciona aos traços semânticos externos.

*Aliquot modis declinata ea quae foris nam aliter qui a maioribus suis, Latonius e Priamidae, altier quae a facto, ut praedando praeda, a merendo*

*merces; sic alia sunt, quae circum ire non difficile; sed quod genus iam videtur et alia urgent, omitto. Por diversos modos são derivadas as que se referem ao exterior, pois de diferente modo aqueles provêm dos antepassados: os filhos (Apolo e Diana) de Latona pelo sufixo -ius, os (Heitor, Páris, Heleno, Deífobo, Cassandra...), de Príamo pelo sufixo -ida, que derivados de uma ação (verbal), como do ablativo de 'mereri'<sup>3</sup> (ganhar dinheiro, merecer) vem 'merces' (negócio), como de 'praedari' (pilhar), vem 'praeda' (pilhagem).*

No livro VIII, 20, analisa: *a classe de palavras que denota tempo; será explicada dentro do estoque (in copia) daquelas formas verbais: ea erant tria, praeteritum, praesens, futurum, elas são<sup>4</sup> três, tempo pretérito, presente e futuro. Aqui mesmo: A modificação (nascimento) das pessoas (do verbo) são três, quem fala, para quem se fala, sobre quem se fala, estas vêm do ablativo da mesma forma derivada, cum item personarum natura triplex esset, qui loqueretur, ad quem, de quo, haec ab eodem verbo declinata.*

Destes pontos Varrão tira a seguinte ilação:

*Quoniam dictum de duobus, declinatio cur et in quas sit facta, tertium quod relinquitur, quemadmodum, nunc dicetur. Declinationum genera sunt duo, voluntariam et naturale; voluntarium est; quo ut cuiusque tulit voluntas declinavit. (livro VIII, IX 21)*

*Portanto, discutidos estes dois pontos, porque existe declinação e para que foi feita, assim sendo, um terceiro ponto restante seja esclarecido agora. São duas as classes de derivações voluntária e natural: é voluntária quando, quem derivou, a sua vontade individual produziu.*

*Sic tres cum emerunt Ephesi singulos servos, nonnunquam alius declinat nomen ab eo qui vendit Artemidorus, atque Artemam appellat, alius a regione quod ibi emit, ab Ionia Iona, alius quod Ephesi Ephesium, sic alius ba alia aliqua re, ut visum est. (VIII, IX 21)*

*Assim, quando três homens compraram cada um escravos em Éfeso, muitas vezes, o nome deriva daquele outro que vendeu Artemidorus, porque seu dono se chama Artemas<sup>5</sup>; um outro deriva do nome da região de onde foi comprado, de Iônia Ion e um terceiro porque veio de Éfeso, Efesius, assim como parecer melhor, um nome provém de uma ou outra fonte.*

*Contra naturalem declinationem dico, quae non a singulorum oritur voluntate, sed a communi consensu. Itaque omnes impositis nominibus*

<sup>3</sup> O infinitivo, como se sabe, é o nome do verbo, quer dizer, a forma nominativa. É do gerúndio que se desdobra o flexionismo restante (genitivo, dativo, etc.).

<sup>4</sup> Varrão escreve no imperfeito indicativo, porque os romanos imaginavam que seus os textos sejam passados quando forem lidos.

<sup>5</sup> The regularizing principle which tends to eliminate irregular forms of less frequent occurrence, still called Analogy, by scientific linguists. (Nota do tradutor R.G.Kent)

*eorum item declinant casus atque eodem modo dicunt huius Artemidori et huius Ionis et huius Ephesi, sic in casibus aliis. (VIII, 22)*

*Por outro lado, digo a declinação natural, que não nasce da vontade de cada um, mas do senso comum. Desse modo, todas as palavras, enquanto nomes fixados, derivam em casos do mesmo modo e por um só modo se diz o genitivo 'Artemidori', o genitivo 'Ionis' e o genitivo 'Efesi', assim em outros casos.*

A Profa. Margarida Basílio também admitiu o cunho epistemológico da abordagem de Varrão:

*A primeira distinção entre flexão e derivação foi sugerida pelo gramático latino Varrão... Esta distinção, no entanto, não tem sido levada em conta na tradição gramatical subsequente. (BASÍLIO, Margarida, 1980: 24)*

Mattoso Câmara, no capítulo *O mecanismo da flexão portuguesa*, descrevendo o que é flexão e derivação, cita Varrão: *Já o gramático latino Varrão (116-27 a.C.) distinguia entre o processo de 'derivatio voluntaria', que cria novas palavras, e a 'derivatio naturalis', para indicar modalidades específicas de uma dada palavra. (1972: 71)*

De fato, não se lê em Varrão 'derivatio' - como está escrito no Mattoso e Margarida Basílio, e sim 'declinatio', mas o mérito da questão é a descrição científica, feita pelo gramático latino perante a sua fonte e a tradição de gramáticos que seguirá sem identificá-la quanto à sua característica legítima, ou seja, distanciada de *O estudo do certo e errado. (CÂMARA JR., 1975: 10)*

Portanto, Mattoso Câmara dissecou estas duas divisões de Varrão, que são: 1) com o adjetivo 'voluntaria': significa o procedimento livre, e neste Varrão esclareceu o caráter fortuito do processo, já que as palavras derivadas não se subordinariam sistematicamente a uma quarta proporcional, como *De "cantar", por exemplo, deriva-se "cantarolar", mas não há derivações análogas para "falar" e "gritar" outros dois tipos de atividade da voz humana. (1972: 71)* Isto é, não há precisão no quadro dos afixos, que compõem o processo de ampliação vocabular pela derivação sufixal: ora acresce-se um sufixo -mento, ora é o sufixo -ção, como de *judgar > julgamento*, mas de *consolar > consolação*.

*Já na flexão há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase, e é 'naturalis' no termo de Varrão. (Idem: 72)*

Tem razão Mattoso Câmara: apenas com as seguintes passagens pretendemos ratificar a antecipação de Varrão a Halliday, que propõe, na tradução do Prof. Mattoso "relações abertas", *que caracteriza o léxico de uma língua em face de sua gramática. (Ibidem: 72)*

*Prima divisio in oratione, quod alia verba nusquam declinantur, ut haec vix mox, alia declinantur, ut ab lima limae, a fero ferebam, et cum misi in his verbis quae declinantur non possit esse analogia, qui dicit*

*simile esse mox et nox errat, quod non est eiusdem generis utrumque verbum, cum nox succedere debeat sub casuum rationem, mox neque debeat neque possit. (livro X, 14)*

A primeira divisão na linguagem é a que algumas palavras em nenhuma ocasião são declinadas, como 'vix' (apenas) e 'mox' (logo), outras são declinadas como de 'lima' (lima) o genitivo 'limae', de 'fero' (levar) 'ferebam', e porque a analogia não pode ser apresentada senão nestas palavras que são flexionadas, aquele que diz que há semelhança em 'mox' e 'nox' (noite), erra, porque não são da mesma classe as duas palavras, enquanto 'nox' deve acontecer dentro do sistema de caso, 'mox' não deve, nem pode.

*Secunda divisio est de his verbis quae declinari possunt, quod alia sunt a voluntate, alia a natura. Voluntatem apello, cum unus quivis a nomine aliae rei imponit nomen, ut Romulus Romae; naturam dico, cum uni versi acceptum nomen ab eo qui imposuit non requirimus quemadmodum is velit declinari, sed ipsi declinamus, ut huius Romae, hanc Romam, hac Roma. De his duabus partibus voluntaria declinatio refertur ad consuetudinem, naturalis ad rationem. (X, 15)*

A segunda divisão é a das palavras que podem ser declinadas, porque algumas são por derivação, outras, por flexão. Chamo (uoluntatem) derivação, quando de um nome forma-se um outro, antes era uma palavra imposta (palavra primitiva), como 'Romulus' deu um nome a 'Roma'; chamo natural<sup>6</sup> (flexão), quando é aceito um nome por todos, mas não perguntamos como este deseja ser declinado, mas nós mesmo os declinamos, como o genitivo 'Romae', o acusativo 'Romam' e o ablativo 'Roma'. Sobre estas duas partes a declinação voluntária é retirada do costume e a natural, do sistema.

*Quare proinde ac simile conferre non oportet ac dicere, ut sit ab Roma Romanus, sic ex Capua dici oportere Capuanus, quod in consuetudine vehementer natat, quod declinantes imperite rebus nomina imponunt, a quibus cum accepit consuetudo, turbulenta necesse est dicere. (livro X, 16)*

Por esta razão não se deve comparar 'Romanus' (romano) e 'Capuanus' (Capuano<sup>7</sup>) como semelhança, e dizer que como de 'Roma' temos 'Romanus', 'Capuanus' saiu do termo 'Capua'; porque no uso há muito de flutuação, já que, quem impõe nomes nas coisas, o faz sem sistematização, proveniente desse modo, no momento em que o uso aceitou, é necessário dizer que a derivação é fortuita.

<sup>6</sup> Conforme pág. 11: Romulus > Roma.

<sup>7</sup> F. Gaffiot anota que Varrão desconhecia este adjetivo como latino, talvez só houvesse *capuensis*, de Cápuia: [Varr. L. 10, 16, dit que ce (*capuanus*) mot n'est pas latin]

Por essas breves apreciações, aqui delimitadas em função da dimensão deste artigo, podemos afirmar que havia consciência de norma e sistema nas abordagens de Varrão.

Há reconhecimento de limites nas variações formais que expressam os flexionismos e a ampliação lexical por afixos:

1) existência da articulação lingüística paradigmática como recurso econômico na linguagem;

2) agrupamento lingüístico por tema dos nomes latinos e reconhecimento de uma distribuição em tema consonantal;

3) distinção de modelo gramatical entre o latim e o grego;

4) clara diferença no conjunto lingüístico da primeira articulação: elementos que se referem ao mundo biossocial e os que pertencem à expressão gramatical, já que os identifica como internos com anotações explicativas (*In verborum genere quae tempora adsignificant... – l.VIII, VIII.20*);

5) nítida caracterização entre formas variantes e invariantes – apesar de estar envolvido na querela anomalia e analogia.

O prestígio do gramático Varrão foi investigado minuciosamente por Jean Collart e este computou quantas vezes outros gramáticos, freqüentemente consultados até nos nossos dias – como Quintiliano, Aulo Gélcio, Carísio, Prisciano e Isidoro, o citaram nominalmente e disso conclui o pesquisador francês: *Varron en effect reste toujours, de siècle en siècle, le grammairien de plus souvent cité par ses successers.* (1978: 4)

Diante do interesse que tem despertado, mesmo com o grau de exigência a que estamos submetidos devido aos avanços nos estudos lingüísticos deste século XXI, a leitura de sua obra é bastante recomendável.

### **Bibliografia:**

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica- Ciência das Significações*. Tr. Aída Ferras et alii. São Paulo: Pontes, 1992.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J.Ozon, s/d.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. *Princípios de lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

\_\_\_\_\_. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

\_\_\_\_\_. *História da Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

- COLLART, Jean. *Varron Gramairien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- \_\_\_\_\_ et alii. *Varro: Grammaire Antique et Stilistique Latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- CUNHA, Albertina & ALTGOTT, Maria Alice Azevedo. *Para compreender Mattoso Câmara*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latin- Français*. Paris: Hachette, 1934.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- KENT, R. G. *Varro on the Language. In two volumes*. London: William Heinemann, 1951.
- MARTINET, André. *Éléments de Linguistique Générale*. Paris: Armand Colin, 1970.
- MOUNIN, Georges. *Histoire de la Linguistique: des Origines: XXe. Siècle*. Paris: Presses Universitaires, 1967.
- ROBINS, R.H. *Pequena História da Lingüística*. Trad. Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.